

crítica música

Uma grande Kaasa no palácio

Norueguesa radicada em Portugal, a pianista Anne Kaasa repetiu em Queluz o seu recital no Wigmore Hall de Londres

RECITAL

Intérprete: Anne Kaasa

Obras: Grieg, Chopin, Ravel, Debussy, Messiaen

BERNARDO MARIANO

Há dez anos, estabelecia-se em Portugal e há dez anos conclua com a classificação máxima o curso superior de piano do Conservatório de Lisboa, instituição onde hoje lecciona. Em dez anos, o que mudou? O que há de novo? O que se desenha no horizonte para esta jovem pianista norueguesa que escolheu Portugal para viver?

Abalanchando-se à demorada tarefa de construir uma carreira internacional em três «faces» — como solista, recitalista em música de câmara e concertista —, Anne Kaasa começa agora, final-



Augusto Brázio

PIANISTA. Triunfo londrino repetido no Palácio de Queluz

mente, a ver «florir» os seus propósitos: a atenção que tem dedicado à obra pianística do seu conterrâneo Grieg já a tornou notada como intérprete desse repertório, de que, recorde-se, Emil Gilels foi lídimo intérprete; a sua parceria com o grande violoncelista norueguês Truls Moerk (que vem com a Sinfónica de Birmingham e Simon Rattle, em Março, ao Coliseu) é garantia de projecção e visibilidade internacional; finalmente, recitais em salas «carismáticas», como o Wigmore Hall de Londres, onde actuou no passado dia 11, acabam sempre por abrir mais e mais portas...

As do Palácio Nacional de Queluz abriram-se-lhe na inóspita noite do passado sábado, em cuja espelhada Sala do Trono deu um recital.

O programa era o mesmo que

tocara dias antes em Londres: quatro das seis «Peças Líricas, op. 54», de Grieg (respectivamente: n.º 2, *Gangar*; n.º 6, *Klokkeklang*; n.º 5, *Scherzo*, e n.º 3, *Trolltog*); os 12 *Estudos*, op. 25, de Chopin; *Le Baiser de l'Enfant-Jésus*, n.º 15 dos *Vingt Regards sur l'Enfant-Jésus*, de Olivier Messiaen; o *Gaspard de la Nuit*, de Ravel, e, a finalizar, *L'Isle joyeuse*, de Debussy.

O início não poderia ser mais prometedor: em *Gangar*, Kaasa revelou-se possuidora de um *toucher* muito cuidado e capaz de vastas e bem construídas gradações dinâmicas; depois, em *Klokkeklang*, Kaasa soube criar belíssimas ambiências tímbricas; em *Trolltog*, soube aliar à rítmica uma intenção burlesca, que viria a ter uma expressão exponencial no *Scarbo* do *Gaspard de la Nuit*.

Com o Chopin, foi diferente:

aparentemente atemorizada perante tal partitura, Kaasa demonstrou até «funcionar» em pleno. Mas, após o estudo em *Réb M*, não mais deixou de ser excelente (mormente nos três últimos). O Messiaen foi um prodígio de poéticas harmonias pairantes, de uma beleza alcançada com enorme economia de meios.

Do *Gaspard de la Nuit*, só não me satisfez plenamente a *Ondine* (querer-se-ia uma sonoridade mais límpida), porque a «secura» e concentração expressiva de *Le Gibet* e a completa transposição musical da desfigurada perversidade de *Scarbo* foram condizentemente «terríficas».

O Debussy foi a síntese do que atrás disse: conjugação do máximo lirismo e rebuscamento tímbrico com a apoteose virtuosística.